

Adélia Prado – O alfabeto no parque

Eu sei escrever.

Escrevo cartas, bilhetes, lista de compras,
composição escolar narrando o belo passeio
à fazenda de vovó que nunca existiu
porque ela era pobre como Jó.

Mas escrevo também coisas inexplicáveis:
quero ser feliz, isto é amarelo.

E não consigo, isto é dor.

Vai-te de mim, tristeza, sino gago,
pessoas dizendo entre soluços:

‘Não aguento mais.’

Moro num lugar chamado globo terrestre
onde se chora mais

que o volume das águas denominadas mar,
para onde levam os rios outro tanto de lágrimas.

Aqui se passa fome. Aqui se odeia.

Aqui se é feliz, no meio de invenções miraculosas.

Imagine que uma dita roda-gigante
propicia passeios e vertigens entre
luzes, música, namorados em êxtase.

Como é bom! De um lado os rapazes,
do outro as moças, eu louca pra casar
e dormir com meu marido no quartinho
de uma casa antiga com soalho de tábua.

Não há como não pensar na morte,
entre tantas delícias, querer ser eterno.

Sou alegre e sou triste, meio a meio.

Levas tudo a peito, diz minha mãe,
dá uma volta, distrai-te, vai ao cinema.

A mãe não sabe, cinema é como dizia o avô:

‘cinema é gente passando.

Viu uma vez, viu todas.’

Com perdão da palavra, quero cair na vida.
Quero ficar no parque, a voz do cantor açucarando a
tarde...
Assim escrevo: tarde. Não a palavra.
A coisa.

Adélia Prado, Poesia reunida